



**AHIMTB/Resende
Marechal Mário Travassos**



Fundada em 23 de abril de 2011
em continuidade à AHIMTB,
fundada em 1º de março de 1996

O G U A R A R A P E S

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA
FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL (FAHIMTB) E DA AHIMTB/Resende
ACADEMIA MARECHAL MÁRIO TRAVASSOS
RECORDANDO PAULA CIDADE, UM SOLDADO E O MAIOR
HISTORIADOR DO EXÉRCITO EM SEU TEMPO, A SERVIÇO DO
PROGRESSO DO EXÉRCITO (1883-1968)

CGC 0149.52/0001-09 www.ahimtb.org.br

Ano 2015, nº47– FAHIMTB/AHIMTB/Resende, Outubro

PAULA CIDADE, UM SOLDADO E ESCRITOR A SERVIÇO DO PROGRESSO DO EXÉRCITO (1883-1968)

A História estuda o Passado, para se entender o Presente, para melhor se planejar o Futuro em condições realistas. Esta abordagem reverencia a Memória do maior e mais profícuo historiador do Exército de seu tempo, o General de Divisão Francisco de Paula Cidade, cuja obra paira sobre o Exército Brasileiro, qual Estrela de raro brilho e ponto obrigatório de visita de todos os integrantes do Exército, com vocação e aptidão para se dedicarem as atividades relacionadas com a História Operacional e Institucional do Exército. Visita obrigatória, com vistas dela retirar subsídios de valor à disposição da instrução dos Quadros e Tropa do Exército Brasileiro e desenvolvimento progressivo da sua Doutrina, genuína, sonho manifesto pelo Duque de Caxias em 1861, Patrono do Exército e da Federação de Academia de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) como Chefe do Gabinete de Ministros e Ministro da Guerra, no contexto da Questão Christie, ocasião em que a adaptou às realidades operacionais sul-americanas que ele vivenciara em 4 campanhas vitoriosas em que comandou o Exército Brasileiro, à Doutrina do Exército de Portugal, de influência inglesa, voltada para as realidades operacionais da Europa. Recordemos sua vida e obra a serviço do Progresso do Exército

Dia 22 dezembro 1983. assinalaráo 132º aniversário de nascimento do porto alegreense General Francisco Paula Cidade. Oficial de Infantaria e de Estado -Maior de escol, além de bem sucedido comandante de Unidades e de Grandes Unidades, na paz e em ações de guerra interna e externa, e que foi apontado aos Cadetes, em 1955, em Ordem do Dia na AMAN, como um exemplo de oficial a ser seguido.

Paula Cidade hoje reverenciado pela FAHIMTB, como patrono de cadeira e de Delegacia da FAHIMTB em Gramado- RS. devotou o melhor de suas energias, patriotismo, idealismo e inteligência para o progresso do Exército, a ponto de ser punido disciplinadamente

por lutar pelas ideias hoje vitoriosas – a retirada do Exército do encargo de guardar repartições fazendárias e a exigência de arregimentação na tropa, como condição de promoção, costumes que comprometiam seriamente a operacionalidade do Exército, no início do século.

Participou ativamente, como oficial de Infantaria, “troupiier ou tarimbeiro” e de Estado-Maior e escritor especializado em assuntos militares, da Reforma Militar, cujos lances principais imortalizou indelevelmente em sua obra literária. Assim, foi co-fundador e redator da **Revista dos Militares**, fundada em Porto Alegre em 1912 e da **Defesa Nacional**, fundada no Rio, em 1913, junto com outros “**jovens turcos**”. Revistas que na época tiveram papel relevante na formação e difusão da moderna corrente do pensamento militar terrestre brasileiro. Pensamento que ajudou a arrancar o Exército dos ultrapassados padrões operacionais revelados na Revolução Federalista 1893-95 e Guerra de Canudos, 1897, aos modernos padrões alcançados pela FEB, na Itália. Força que fez muito boa figura ao lutar, lado a lado, ou contra representações dos melhores exércitos do mundo presentes na Europa Ocidental na 2ª Guerra Mundial.

Como escritor militar voltado fundamentalmente para a História Militar, desde os tempos da Escola Preparatória Tática do Rio Pardo, em 1902 e até 1967, ou por cerca de 65 anos, foi o quem produziu em seu tempo a obra literária militar mais atenta e variada, além de pioneiro entre nós em Geografia Militar. Foi, até falecer em 1968, aos 85 anos, o maior intérprete da evolução da doutrina, do pensamento e do processo histórico militar brasileiro. Até o presente foi o único geógrafo e sociólogo militar terrestre brasileiro, de fato.

Egresso da Escola de Guerra, em 1908, em plena crise provocada pelo Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do ensino militar, de bacharelismo para profissionalismo militar, o Aspirante Paula Cidade, carente de conhecimentos militares modernos, foi juntar os seus esforços a oficiais com cursos na Alemanha, formando o grupo chamado “**jovens turcos**” e, desde então, dínamos da modernização do Exército e a qual se juntaram, pouco a pouco, outras expoentes da classe, tudo sob a égide de destacados chefes do Exército da época.

Paula Cidade foi professor de História e Geografia Militar da Escola Militar, durante o memorável comando do então Coronel José Pessoa, o idealizador da AMAN e, a convite desse chefe, para “ajudá-lo a carregar a sua cruz”.

Desse contato guardou as melhores recordações de seus cadetes e estes de sua figura marcante de mestre e exemplo de profissional militar.

Foi introdutor de Geografia Militar na Escola do Estado-Maior e a seguir na Escola Militar, depois de diversas incursões na Seção de Geografia e História do EME, como adjunto e chefe. Exerceu a chefia de Gabinete da então recém criada Secretaria Geral do Ministério da Guerra, sob chefia de seu amigo desde o Rio Pardo, General Valentim Benício, ao qual substituiu diversas vezes num período de realizações culturais memoráveis daquela repartição.

Como profissional militar escol e de profissão de fé legalista, Paula Cidade encerrou sua carreira em ações de guerra, no Norte, como Comandante da 8.ª RM, encarregada da proteção da Base Aérea de Val de Cans, próxima do Canal do Panamá e ponto de passagem obrigatório, junto com o Amapá e com Natal, no Saliente Nordeste, das comunicações

militares aéreas americanas com a África e a Europa e, finalmente, como coroamento, a função de membro do Conselho Supremo de Justiça da FEB.

Ao despedir-se de seu chefe, amigo e também gaúcho, o então General Mascarenhas de Moraes, ouviu dele estas palavras proféticas:

“Cidade, vamos partir para a maior aventura de nossa História Militar”.

Como escritor militar, encerrou sua carreira na Ativa, na presidência da Biblioteca do Exército. Sua obra literária voltada para o progresso do Exército, continua a produzir seus benéficos efeitos. E, por muitos e muitos anos, será difícil alguém estudar História, Geografia e Sociologia Militar Terrestre Brasileira e a História do Exército como instituição de 1902-1966, sem beber a sabedoria específica na obra de Cidade.

Não foram fáceis a vida e as dificuldades de Paula Cidade como escritor e soldado, para provar que:

“Não cora o livro de ombrear com o sabre e nem cora o sabre de chamá-lo irmão”.

Mas, como sentenciou o General Jonas Correia, patrono de Cadeira na FAHIMTB, e por quem fui honrado receber-me como sócio dos Instituto de História e Geografia Militar de Brasil (IGHMB) do qual foi o seu maior presidente, e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB):

“A vitória da inteligência é o selo da posteridade. E aí estão seus livros, a prová-lo!”

Livros publicados, para não referir a sua obra inédita. Em 1980, o mesmo General Jonas propôs o teve aceita proposta de eleger o General Paula Cidade, patrono da Cadeira 88 do Instituto de Geografia e História do Brasil que ele tanto honrou e prestigiou em vida. Cadeira que me coube por escolha e aprovação do Instituto inaugurar como seu primeiro ocupante, em razão de afinidades espirituais, culturais e profissionais com aquele ilustre soldado e escritor, nosso co-estaduano que aprendemos a admirar desde o primeiro contato com sua obra literária militar terrestre brasileira, ímpar.

INFÂNCIA, MENINICE E JUVENTUDE EM PORTO ALEGRE

Cidade nasceu e viveu sua infância, meninice e juventude próximo ao Quartel General em Porto Alegre. Ali, aos dez anos foi tocado pelo desejo de ser soldado, ao testemunhar as movimentações da Revolução Federalista e contemplar os alunos militares do histórico Casarão da Redenção e atual Colégio Militar de Porto Alegre, cuja História resgatamos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis na obra **História do Casarão da Várzea**: Resende: IHTRGS/AHIMTB, 2009.

Entre a carreira de advogado, sugerida pela mãe, e a de soldado, ele destinou-se a esta, com apoio de seu padrasto e grande amigo para o resto da vida. Aos 11 anos, no curso da Revolução Federalista, de família modesta, iniciou a trabalhar na Livraria Americana, onde tomou contato com o mundo encantado dos livros. Deixou este emprego aos 13 anos, logo depois da Revolução Federalista, por não sujeitar-se aos maus tratos de seu patrão.

Dos 13 anos aos 15 anos, de 1896 a 1898, foi caixeiro de uma loja de sapatos, das 06.00 às 20.00h. Discretamente, aproveitava o intervalo do almoço para estudar Português e Matemática, com o professor Ildelfonso Gomez. Depois das 22.00 horas fazia as lições e lia poesias e literatura. Daí em diante e até um ano antes de falecer, ligou-se com paixão à Literatura Militar Brasileira, que teve como rival a sua paixão pelo Exército e seus destinos que ele ajudou a alicerçar como soldado reformador e historiador militar festejado.

NA CARREIRA DAS ARMAS

Em 15 de abril de 1902, Cidade sentou Praça no Exército como soldado n.º 165, da 2.º Cia, do 25.º Batalhão de Caçadores, com quartel na Praça do Portão, em Porto Alegre e na condição de ouvinte da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo.

Nesta cidade castrense, “A Tranqueira Invicta”, ele ficou até setembro de 1903, transferência da Escola para Porto Alegre.

A recepção naquela capital foi agradecida em oração do aluno gaúcho Raul Silveira de Mello, patrono de cadeira da FAHIMTB, o único sobrevivente da Escola do Rio Pardo, que faleceu com mais de 100 anos e consagrado como o historiador militar da Fronteira Oeste, cuja obra completa foi reeditada pelo Estado de Mato Grosso do Sul da qual recebemos exemplar através do Instituto Histórico de Mato Grosso do Sul e esta disponível na FAHIMTB.

.Pelo General Raul Silveira de Mello Paula, Paula Cidade nutria admiração especial por suas qualidades excelsas de homem e de cristão.

Mais tarde, Cidade recordou os alunos que passaram pelo Rio Pardo a sua época, cujas obras tiveram tão grande projeção nos destinos do Brasil ou do Exército, como os ex-presidentes Getúlio Vargas e Eurico Dutra, General Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, Valentín Benício, Sérgio Ari Pires e Pantaleão Pessoa, seus amigos desde o Rio Pardo, e Bertoldo Klinger – amigo do peito e seu compadre e padrinho de 2.º casamento, além de Cezar Obino, Amaro Soares Bittencourt, João Mendonça Lima, Emílio Lúcio Esteves, Francisco José Pinto, Regueira e outros. Personagens que recordamos na obra em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis **Escolas Militares de Rio Pardo 1859/1911**. Porto Alegre: Genesis/IHTRGS/AHMTB, 2005.

NA ESCOLA DE GUERRA EM PORTO ALEGRE

Cidade foi colhido em Porto Alegre, na Escola Preparatória, pela crise militar provocada pela Revolta da Vacina Obrigatória da Escola Militar da Praia Vermelha em 1904. Crise que provocou o Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do bacharelismo para profissionalismo militar, depois do fechamento e extinção da Escola Militar da Praia Vermelha, recriada com o nome de Escola de Guerra em Porto Alegre, onde passou a funcionar de 1906 até 1911. Naquela época, a oficialidade do Exército dividia-se em científicos e tarimbeiros (ou troupiers). Os primeiros, egressos da Escola Militar da Praia Vermelha como bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas e sem conhecimentos práticos visando a operacionalidade do Exército, evitaram com raras exceções a Tropa, mantendo-se em funções técnicas e administrativas. Os tarimbeiros, mais numerosos, não possuíam cursos. Fizeram carreira na Tropa com base em lei de 1860. Estes eram complementados por 300 ou 400

alferes antigos sargentos comissionados naquele posto na Revolução de 93 e confirmados pelo Congresso.

A Revolta da Vacina Obrigatória de 1904 , de cunho político positivista ,provocou a maior revolução doutrinária e filosófica no Exército e que Paula Cidade assim assinalou:

“ Em 1906 a Escola de Guerra recebeu uma avalanche de alunos anistiados da extinta da Praia Vermelha e passou a ser comandada por um coronel de Infantaria ao invés de engenheiros,como era tradição . Foram construídos no meio do pátio do Casarão da Redenção dois pavilhões em madeira com 4 salas de aula . O critério de promoção a Aspirante a Oficial,posto então criado, passou a ser o do mérito intelectual e não o da antiguidade. Houve muita improvisação,,até externato por falta de espaço.”

Mais a verdade é que ali, no Casarão da Redenção ,se processou ,de 1906-11,a grande e benéfica revolução no Exército,visando a orientar seu Ensino para a operacionalidade e Defesa Nacional . Cidade assistiu e documentou nestes termos a instalação da Escola da Aplicação, paralela á da Escola de Guerra:

“Os instrutores eram dedicados e compreensivos, mais não puderam dar o que não haviam recebido. Nenhum sabia desenvolver um tema tático sobre uma carta , prática velha na Europa e há muito em uso na Argentina, que havia contratado instrutores alemães de alta capacidade e renome. Os regulamentos em vigor estavam próximos da Guerra do Paraguai.”

Cidade, na Escola de Aplicação, estudou topografia prática, fotografia, esgrima, escrituração militar, serviço em campanha (casos esquemáticos) e telegrafia Morse. Apesar de assinalar graves defeitos e falhas na Escola de Guerra e seu complemento, a Escola de Aplicação, as achou obras de importância transcendental, nascidas de uma crise política – a Revolução da Vacina Obrigatória de 14 de novembro de 1904. Escreveu sobre isto:

“Esta arrancada inútil da mocidade militar trouxe em seu bojo consequências extraordinárias, positivas e duradouras, através de medidas que exigiram meio século para serem adotadas como a de formar- se soldados e não doutores.”

Das três turmas saídas as Escola de Guerra, segundo Cidade, cerca de 1/3 de integrantes preferiram a vida na tropa. Estes se fizeram instrutores de si mesmos. Depois uniram-se a oficiais com curso na Alemanha e formaram um grupo idealista reformista que fundou a **Defesa Nacional** e passaram á História , como “ **jovens turcos**”,

O ASPIRANTE E TENENTE, REFORMADOR MILITAR “JOVEM TURCO”

Em Janeiro de 1909, em cerimônia interna simples no pátio do Casarão da Redenção, sem festas, e madrinhas de espada, Cidade e seus companheiros foram declarados aspirantes, com a simples leitura do Boletim. A seguir, em coluna por dois, ao comando do Ajudante, atravessaram o Parque da Redenção (Várzea) e foram apresentados ao

Comandante do agora 25.º Batalhão de Infantaria, na Praça do Portão, unidade a que pertencia.

Sua espada custou a metade de seu soldo. Os uniformes de aluno foram aproveitados. Fazê-los novos era um luxo na época. Sua primeira e difícil missão foi ajudar a conduzir um grupo de soldados de mau comportamento, transferidos do Rio, de Porto Alegre a Cruz Alta, numa viagem cheia de peripécias que relata em suas **Memórias**.

Paula Cidade e outros nomes egressos das citadas escolas iriam se associar aos oficiais com curso na Alemanha, para promoção da Reforma Militar. E como reformador atuou muitas vezes no tablado, como instrutor ou professor, e através de seus escritos profissionais publicados nas **Revistas dos Militares**, de Porto Alegre e **Defesa Nacional**, das quais foi co-fundador, redator e colaborador destacado.

Sua primeira missão de instrutor foi em Cruz Alta, em 1909, como instrutor dos soldados da Unidade de Infantaria. Em 1910, foi instrutor militar da Escola de Engenharia de Porto Alegre, iniciativa de professores da Escola de Guerra de Porto Alegre, assunto que abordamos na obra citada **História do Casarão da Várzea**.

Em 1913, no 2.º Regimento de Infantaria no Rio., inventou e publicou na **Defesa Nacional** um sistema de sinalização de fácil aprendizagem que foi aprovado pelo Ministro da Guerra. Na mesma época editou a obra com 73 folhas **Noções e Problemas de Leitura de Cartas**, segundo ele;

“ **Problemas até então desconhecidos pela imensa maioria dos oficiais e inspirado em obras alemãs de Tática**”.

Em 1917, de volta a Porto Alegre, foi preso por 8 dias, pelo Comandante da Região, por um artigo técnico da **Revista dos Militares**, no qual fazia uma crítica doutrinária à luz de doutrina alemã em vigor.

Como comandante de Companhia, cultivou a Ordem Unida, como verdadeira escola da Disciplina. Orgulhava-se de haver conseguido movimentos de armas comparáveis às da Infantaria Alemã. Tornou o manejo de armas um esporte onde selecionava os mais aptos para instruírem os menos aptos e assim nivelar a aprendizagem. Aliás, ideia hoje vigorante no Exército, ao lado das “de aprender fazendo e de buscar atingir níveis de operacionalidade cada vez mais elevados”. Dava muito ênfase à Instrução de Tiro.

Como reformador, no posto de 2º tenente, lutou pela extinção do serviço de escala à Alfândega e Delegacia Fiscal que tantos prejuízos causava ao adestramento da tropa, bem como pela arregimentação, como condição de promoção, mesmo por antiguidade, recorrendo para isto a Pandiá Calógeras, no primeiro caso, e a Olavo Bilac, no segundo. A segunda medida empunha-se para evitar o abandono dos corpos de tropa do interior, de parte dos oficiais. O preço de sua interferência e para seus colegas que assinaram o memorial sobre o assunto foi de 30 dias de prisão. Daí por diante, foi impossível fazer-se carreira militar sem nunca entrar num quartel.

Em 1921, como aluno da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), testemunhou fato histórico de grande projeção na Reforma Militar – a inauguração dos trabalhos Missão

Militar Francesa (MMF) naquela escola, com a presença do Ministro da Guerra Pandiá Calógeras. Ali trabalhou exaustivamente com temas táticos sobre a carta da Vila Militar. Conquistou o direito de ingressar na ECEME sem concurso, além de apto a preencher as funções de instrutor.

Depois da Revolução de 30, já no posto de Capitão, foi professor de Geografia Econômica Militar na ECEME (conferencista) e de História e Geografia Militar na Escola Militar no comando do Coronel José Pessoa. Em todas as guarnições por onde passou, pronunciou conferências sobre assuntos de sua especialidade. Sua narrativa prendia a assistência pela simplicidade, objetividade, boa dicção e densidade.

O OFICIAL DE ESTADO- MAIOR DO EXÈRCITO

Depois de cursar a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e a Escola de Comando e de Estado- Maior do Exército (ECEME), esta com sua sede no quartel do atual 1º Batalhão de Polícia do Exército na Tijuca, foi estagiar na 2ª Seção do Estado-Maior do Exército (EME) a partir de 1924. Havia cursado aquela escola sob orientação da Missão Militar Francesa que não entrou no EME, da qual era consultora em assuntos de Instrução Militar. Foi estagiar na 2ª Seção e aprendeu lições de Informações Militares., valiosas para a sua vida, conforme registrou em suas **Memórias**.

Seu trabalho foi interrompido de 13 de julho a 06 de agosto, 1964 quando atuou em São Paulo, na Revolução de 24, no eixo Santos - São Paulo, como Subchefe de Estado-Maior de um destacamento organizado por seu amigo Major Euclides de Figueiredo, como oficial de Gabinete do Ministro General Setembrino de Carvalho e com enormes dificuldades. Destacamento ao comando do General Carlos Arlindo, que partindo de Santos conquistou sucessivamente a região do Monumento Ipiranga, Vila Mariana e Avenida Paulista. Combateu no destacamento do General Carlos Arlindo, o Coronel Pedro Dias Campos, patrono de cadeira especial da FAHIMTB Comandante da Força Pública de São Paulo que se mantivera fiel à legalidade. Sobre ele escreveu Cidade:

“Era um homem moreno de pequena estatura, tipo de militar japonês, dados os traços mais marcantes de sua fisionomia. Mais tarde eu havia de admirar nele um dos exemplares mais completos de soldado com que defrontei naqueles dias amargos.”

Pedro Campos fora coadjuvante destacado da Missão Militar Francesa, na Polícia Militar de São Paulo. Foi um dos mais marcantes comandantes daquela então Força Pública, além de historiador militar brasileiro de expressão nacional.

Cidade descreve com muito realismo, em 54 páginas de suas **Memórias**, o seu batismo de fogo naquela Revolução. Elas encerram preciosos ensinamentos do ângulo profissional militar, por marcarem a diferença da doutrina militar, na prática e na teoria. É a maior contribuição contida em suas **Memórias**.

Destacou a importância do tiro direto da Artilharia no combate em localidades, e apoio à Infantaria. Registrou, então, um consumo exagerado de munição, disparos durante a noite, sem motivo. Concluiu que o soldado assim procedia por medo e como medida preventiva de uma possível ação sobre sua posição. Enfim, uma tentativa caríssima e irresponsável de

espantar o inimigo, e incontrolável. É uma consideração que deve ser levada em conta pelos futuros comandantes de ações semelhantes. Outro costume era o de os soldados exagerarem qualquer movimento em torno de suposição, provocando a montagem desnecessária e desgastante de patrulhas. Este costume diminuiu ao se obrigar quem disse que viu algo anormal, a participar das operações, visando confirmar suas suspeitas. Ali mais uma vez confirmou-se o dito popular: “Em tempo de guerra, a mentira é terra”.

Em 1930, retornou ao Estado-Maior do Exército, chefiou a sua Seção de História e Geografia Militar, dirigiu a **Revista Militar Brasileira** e lecionou na ECEME e Escola de Intendência, onde o colheu a Revolução de 30.

Foi então destacado para chefiar o Estado-Maior do Destacamento do General Tourinho que deveria operar contra os revoltosos em Minas Gerais, no eixo Rio-Juiz de Fora- Remonta- Belo Horizonte. O General Tourinho, seu comandante, havia opinado contra a guerra de destacamentos. Foi a favor de lançar a 1º Divisão de Infantaria que comandava, a melhor dotada e instruída, contra Minas e Rio Grande do Sul, para bater por partes as forças revolucionárias.

As **Memórias** de Paula Cidade sobre a Revolução de 30 são ricas em ensinamentos profissionais. Dentre os fatos que testemunhou merecem registro:

Primeiro, a comunicação de seu comandante de que iria agir por conta própria, como na Revolução do Contestado:

‘Nada de guerra à francesa, com apoio em cartas topográficas, mas sim com apoio em vaqueanos, dos quais iria organizar um Corpo muito bem pago.’

O Destacamento que Paula Cidade foi Chefe de Estado-Maior foi batido na Remonta, em 22 de outubro, onde possuía seu centro de resistência.

O segundo caso é o do Aspirante Amilcar Dutra de Menezes que resistiu à interferência familiar de retirá-lo da frente de combate e do convívio de seus soldados, que ele liderava pelo exemplo e com os quais convivia com risco de vida.

E narra Cidade: **“Fiz-lhe a vontade. Voltou para seu pelotão e para a linha de fogo. Mais tarde, quando o Destacamento se esfacelou e a disciplina começou a periclitir por toda parte, este mesmo Aspirante veio procurar-me. Queria que eu visse o seu Pelotão que estava pronto a cumprir qualquer ordem. Dirigi-me a seu Pelotão. Na sombra e na melhor compostura militar o Pelotão repousava. Algumas garrafas de guaraná espalhadas pelo chão. Os soldados levantaram prontamente à minha chegada como se fossem imunes ao alvoroço que ia em torno deles. Aquela gente suja, roupa maltrapilha pelos longos dias passados às intempéries, sob influência de um pequeno escalão, conservara a força moral e a coesão em toda plenitude. Não desagregara, porque sua coesão fora cimentada pelas qualidades de liderança de seu comandante imediato!”**

Isto comoveu muito o soldado Paula Cidade!.

Em 28 de outubro de 1930, após dissolvido, o Destacamento de que fora Chefe de Estado –Maior Cidade apresentou-se ao EME onde foi acolhido pelo Ministro General Leite de Castro que junto com o Chefe do Estado –Maior do Exército General Augusto Tasso Fragoso, o protegeram de uma reação revolucionária. Ali continuou na Chefia da 5° Seção (História e Geografia) até 24 de abril de 1932.

Em 23 de junho de 1936, retornou ao Estado-Maior, como Chefe da 1° Subseção da 3° Seção, encarregada de elaborar Planos de Operações e um anteprojeto para o Colégio Militar. Nesta ocasião aprofundou estudos históricos que resultaram no clássico **Lutas no Sul com espanhóis e descendentes**. Permaneceu desta vez no EME até 25 de dezembro de 1937. Foi elogiado nos seguintes termos ao ser transferido para a 5° Seção:

“Oficial culto e inteligente. Confirmou o bom conceito que é tido no Exército. Além de seus trabalhos normais deu desempenho de trabalho de outras seções que lhe foram confiadas.”

O depoimento desse período em suas **Memórias** é relevante.

Nessa época Cidade mantinha muito boas relações de amizade com dois antigos colegas de Escola Tática do Rio Pardo: o General Dutra, Ministro da Guerra e o Coronel Mário Ari Pires, do Conselho de Segurança Nacional, ambos ligados funcionalmente ao Presidente Vargas, também seu contemporâneo no Rio Pardo.

A sua derradeira ação como oficial de Estado-Maior foi a de Chefe de Gabinete da Secretaria Geral do Exército, então recém-criada, onde teve como chefe, seu amigo desde a Escola Tática do Rio Pardo – O General Valentín Benício. patrono de cadeira da FAHIMTB. Estas funções Cidade as exerceu por cerca de 4 anos ,como Coronel ,de 03 de Jan 39 a 16 Mar 42. Sobre Benício escreveu Cidade:

“Sua competência e capacidade de trabalho merecem ser registradas. Ele realizara verdadeiro milagre ao planejar e organizar em poucos meses um repartição ao nível de tão grande complexidade. O segredo se seu êxito consistia em bem escolher seus auxiliares.”

Cidade liga-se a todas as grandes realizações da Secretaria Geral do Exército, particularmente as de natureza cultural, no período 1939-1941. Ele por diversas vezes a dirigiu interinamente. Registra eternamente esses grandes momentos da Secretaria Geral os **Anais do Exército Brasileiro 1939- 41**, uma das mais preciosas fontes da História do Exército, interrompidos com a saída da Cidade para outra função. Foi dinamizada a BIBLIEx, reorganizada em 38 por Valentín Benício e inspirada na Biblioteca de Oficial do Exército Argentino, com dois objetivos:

- “- Editar obras de preferência de integrantes do Exército;**
- Colocar à disposição dos oficiais do Rio sua coleção de livros.”**

Segundo Cidade, a BIBLIEx:

-“Foi marco no desenvolvimento da cultura no Exército; - facilitou aos militares a publicação de seus livros e abriu novos caminhos ao pensamento militar brasileiro. “

Foi na BIBLIEx, na condição de seu Presidente que , Paula Cidade exerceu suas ultimas funções na Ativa, de 12 Jul 45 – 05 Jul 48, pelo espaço de três anos.

O COMANDANTE DE UNIDADES DE INFANTARIA

Cidade comandou duas unidades de Infantaria. A primeira como Major no ano de 1935, durante a Guerra do Chaco o 19º Batalhão de Infantaria em Corumbá. A segunda, como coronel no ano de 1938 – o 12º Batalhão de Infantaria , então como sede em Juiz de Fora.

Em Corumbá teve a missão de guarnecer e manter a neutralidade brasileira, ao longo de uma linha de fronteira de 700 a 800 km, na frente da qual, paraguaios e bolivianos travavam a Guerra do Chaco. Chegou a Corumbá a bordo do “Fernandão”. Assumiu o comando em 5 Mar 1935. Lá encontrou “Oficialidade excelente com as raras exceções de sempre” e problemas de disciplina entre os soldados recrutados nas ruas de cidades do Nordeste, organizados em bandos no quartel. Ele os enfrentou e os venceu com firmeza, doçura e determinação. Contornou as agitações comunistas do ambiente. Foi ao poucos apertando os parafusos da disciplina, cuidando para não fazê-los demais “ e espanar a rosca”.

Conseguiu bons resultados dando o exemplo; estabelecendo regime de instrução severo, cuidando do bem estar de seus soldados; expulsando os incorrigíveis e bem administrando a Justiça Militar. Para tal recebeu o apoio moral e material de seu comandante, General Pedro Cavalcanti.

Administrativamente saneou os alojamentos de percevejos e combateu indícios de desonestidade, principalmente no rancho, onde fez um rodízio nos postos chaves. Em face das revoluções anteriores, a Carga Geral estava na maior desordem , fato que exigiu dele medidas saneadoras rigorosas. Assim, sua ação de comando pode ser resumida: disciplina; instrução; bem-estar da topa; moralidade e ordem administrativa.

Naquele tempo, enquanto bolivianos e paraguaios lutavam do outro lado, Corumbá era um centro de luta secreta entre agentes daqueles países. Face a indícios de invasão do Brasil pelo Paraguai para um ataque de flanco à Bolívia, fez a seguinte consulta ao seu comandante de Região:

“Caso forças paraguaias invadissem o Brasil, manobrando contra flanco colombiano, encaro três soluções:

1º - Cubro Corumbá e seu porto e aguardo a ação da 9º Região Militar..

2º - Ligo-me aos bolivianos, regulando minhas ações pela deles, prolongando sua esquerda.

3º - Ataco os invasores unicamente com meu Batalhão, caso haja invasão.

Caso a presente consulta não tenha sido solucionada adotarei a

3º solução. “

O curioso é que no debate dessa 3º solução houve um capitão que protestou com veemência:

“- A 3º solução será a repetição de Dourados. Não quero dar uma de Antonio João!”

Antes da Intentona Comunista, segundo assinalou Cidade, um grupo de prisioneiros bolivianos comunistas que haviam aderido ao Paraguai contra o seu país, planejou conquistar Puerto Suarez, foco de funcionários civis e militares bolivianos pertencentes ao Partido Comunista.

O desempenho de seu comando é traduzido pelo elogio de seu comandante:

“Expressiva figura de relevo profissional e moral do Exército. Brillante oficial de Estado-Maior, já se tem feito notar por sua iniciativa na solução de várias questões relativas à Instrução.”

Em 1976, como oficial do Estado Maior do 2º Exército tivemos a oportunidades de visitar o 17º Batalhão de Caçadores e o prazer de conseguir o retrato de Paula Cidade para a galeria daquela OM, bem como a do General Tertuliano Potiguara., herói do Contestado e da 1ª Guerra Mundial e denominação histórica da 5ª Brigada de Cavalaria Blindada em Ponta Grossa- PR.

Cidade foi muito feliz. Deixou o 17º Batalhão de Caçadores realizado profissionalmente por sabê-lo reorganizado, disciplinado e instruído. Como sempre acontece em tais casos, deixou seu Batalhão emocionado –

“Aproximei-me da tropa em forma fazendo lhe um aceno com a mão, como um pai que, chocado pela partida, se despede dos filhos sem dizer-lhe uma palavra!”

E esta sensação se repete anualmente com tenentes-coronéis e coronéis do Exército. É uma emoção muito forte e muito marcante na carreira!

Cidade comandou o 17º Batalhão de Caçadores de 5 de maio de 1935 a julho de 1936.

Em 25 de janeiro de 1938 assumiu o comando do 12º Regimento de Infantaria I em Juiz de Fora, e atualmente em Belo Horizonte.E escreveu:

“Contei com admiráveis oficiais e sargentos. Encontrei com surpresa, ali naquele recanto de Minas Gerais, uma organização modelar onde tudo funcionava com a regularidade de um mecanismo de relojoaria. “

Assim, o esforço de Cidade foi conservar e completar as partes ainda em fase de estudos. Ali tudo estava em ordem e em dia. Fez um grande esforço para melhorar a comida

dos praças, encontrando reação do aprovisionador – um oficial comissionado de 30, que teimava em afirmar:

“De acordo com o regulamento, o comandante não tem nada haver com o rancho.”

O mencionado oficial teve de afastar-se do rancho por ter sofrido fratura da bacia, em consequência de uma queda quando domava seu cavalo. Afastado por um acidente de função, o seu substituto deixou o rancho como o velho Coronel Cidade gostava:

“ Comida boa, farta e variada e servida em equipamento compatível.”.

NO COMANDO DE GRANDES UNIDADES

Paula Cidade durante a II Guerra comandou e organizou a Infantaria Divisionária da 9ª Região Militar (ID/9) em Corumbá. **“A cidade branca e rainha do rio Paraguai”**, durante seis meses de jul-dez de 1942. Logo depois foi a 8ª Região Militar, com sede em Belém, a partir de 15 de Mar 43, por cerca de um ano. Em Corumbá, além da sua missão profissional normal, deixou em suas **Memórias** valiosas informações sobre aquela fronteira. Coordenou ação comunitária visando a reduzir os mosquitos que infestavam Corumbá.. Coibiu abusos em relação aos súditos do Eixo e seus patrimônios, evitando fatos lamentáveis ocorridos noutras partes. Fundou e foi o primeiro presidente da **Sociedade dos Amigos de Corumbá**. Ao ser promovido a general, a cidade agradecida em um gesto de generosidade, reconhecimento e amizade, ofertou-lhe a espada de ouro de Oficial General. Antes de seguir para seu comando em Belém, recebeu pessoalmente a seguinte missão do Presidente Vargas:

“Ficar em condições de ocupar a Guiana Francesa.”

Motivo:

“Com um governo francês pró-Alemanha em Vichy, certamente uma nação extracondicional iria ocupar a Guiana Francesa e não mais sair dali. E se alguém devia fazer isso seria o Brasil.”

Esta ideia aos poucos foi perdendo consistência com o evoluir da guerra e a ação principal de Cidade resumiu-se no seguinte:

- Proteger a base aérea americana de Val de Cans, em Belém, próximo do Canal do Panamá e ponto de passagem obrigatório das comunicações militares aéreas americanas com a África e Europa, junto com as bases aéreas de Macapá e Natal. Seu principal instrumento para a missão foi a Cia de Metralhadoras Antiaéreas na base de Val de Cans, comandada pelo então Capitão Janari Nunes, mais tarde interventor do Amapá e autor de livro sobre a Bandeira Nacional. Seu relacionamento com as autoridades americanas foi excelente e de alto nível, conforme registrou.

Ocupou grande parte de seu comando em atritos com o Governador do Pará – Coronel Barata. O velho general defendeu com firmeza suas funções, às tentativas de interferência. O incidente contado em detalhes em suas **Memórias**, terminou em Belém com a mediação do Comandante da Marinha da área e só foi sepultado no Palácio do Catete, com mediação do Chefe da Casa Militar.

No setor disciplinar agiu com firmeza e doçura. Um grupo de reservistas convocados cometia toda sorte de excessos para seus integrantes serem expulsos ou processados para fugirem à Força Expedicionária Brasileira. Os incidentes entre soldados e populares eram frequentes. O remédio para tamanho mal foi a criação em cada unidade de um Pelotão Disciplinar e, a exemplo dos americanos, as patrulhas e o pessoal de serviço passaram ao uso de cassetetes. O remédio deu resultado e foi pouco a pouco reduzindo por conselhos do Ministro da Guerra, General Dutra, com quem Cidade se correspondia.

Em Belém, Cidade conviveu fraternamente como bom católico com D. Jaime Câmara. Foi eleito sócio correspondente da Academia de Letras Paraense. Deu um saco de açúcar pago de seu bolso, para que numa época de racionamento pudesse ser servido o tradicional cafezinho da festa do Círio de Nazaré.

Um dos seus orgulhos dessa época foi o de ter sido pioneiro da inseminação artificial da área, graças segundo ele ao “Chefe do Serviço Veterinário da Região – o então Major Waldemiro Pimentel, , oficial trabalhador e de larga visão naquele pedaço do Brasil. O trabalho consistiu em inseminar, com base em reprodutores cavaleiros de alta linhagem, 752 matrizes na Ilha de Marajó, que produziram 751 potros de belo aspecto.”

O General Waldemiro Pimentel patrono de cadeira na FAHIMTB foi até falecer, proeminente membro dos Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e Histórico e Geográfico Brasileiro. Era membro da seleta Academia de História do Japão. A ele devo, em parte, o reconhecimento e iniciativa que resultou no meu ingresso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1978. A ele nossa homenagem e gratidão neste registro.

Da ação de Cidade no Pará, impressões valiosas que colheu e o carinho que recebeu das famílias e povo, deixou atentado registro em suas **Memórias**. Sua ação seria ressaltada em 1955 pelo Comandante da AMAN, General Júlio Teles de Menezes, que o auxiliara em Belém, na Defesa de Costa, e que ao assumir o comando da AMAN o apontara aos cadetes como exemplo a ser seguido por eles como:

“Vida sempre inteiramente dedicada à profissão que abraçou com entusiasmo. Soube ser chefe operoso e brilhante historiador militar.”

Serviu nesta época em Belém o Capitão Francisco Ruas Santos que, mais tarde, implementaria sobremodo os estudos pioneiros de Cidade sobre História Militar no tocante a epistemologia específica.

O LITERATO MILITAR

É possível que a vocação para literatura de Paula Cidade tenha sido despertada aos 11 anos, em seu primeiro emprego, na Livraria Americana em Porto Alegre. Vocação que se consolidou no seu segundo emprego, quando idealizou e foi eleito, aos 14 anos, em 1897, ano da Guerra de Canudos, o primeiro presidente da **Sociedade Recreativa e Literária dos Comerciantes de Porto Alegre**. Nas escolas preparatórias do Rio Pardo e de Porto Alegre, e por fim, na Escola de Guerra, dessa última cidade, ele sempre foi eleito redator chefe das revistas nelas editadas “**Luz**” (1904), “**Ocidente**” (1906), “**Cruzada**” (1907) e “**Aldebarã**” (1908). Sua infância correu na época de ouro do romance, dos versos e dos contadores de “causos” em torno de um lampião nos serões porto-alegrenses. “Causos” como a Nau

Catarineta, Lunar de Sepé, Tiarajú, o do bandido Camparina, de Pedro Malazartes, do Negrinho do Pastoreio etc.

Em 1910, como Aspirante a Oficial, ainda servindo na Praça do Portão, deixou de lado a literatura e a poesia puras e simples e colocou seus predicados a serviço da Literatura Militar Terrestre Brasileira, como suporte para suas ideias reformadoras do Exército e instrumento de difusão da Doutrina, da História e da Geografia Militar brasileira terrestre e de registro, para a posteridade, dos costumes militares e da evolução militar terrestre. Esta guinada ou mudança de rumo ele assim comentou:

“Substitui minhas leituras literárias em geral, pelas do que falavam a língua de Marte – o Deus da Guerra – Van de Goltz, Frederico II, Napoleão e outros. A vida militar não matou em mim o amor aos livros, apenas me mudou de rumo.”

Ou seja, colocou sua vocação a serviço do desenvolvimento do Exército Brasileiro.

Assim, em 1910, foi gerente da **Revista dos Militares**, surgida em Porto Alegre, que pregou ideias progressistas e acompanhou a evolução do Exército e da Marinha por longo período, e com assinalados serviços à Reforma Militar. Revista que teve como patrocinador o General Manoel Joaquim Godolfim, Comandante da 3ª Região Militar e o seu Chefe do Estado-Maior, Luiz Acácio Leiraud como redator. Na **Revista do Militares**, Cidade foi gerente, redator e secretário, o que tornou conhecido no Rio de Janeiro e em outros locais.

Em 1913, servindo no 2º Regimento de Infantaria da Vila Militar, integrou o grupo dos 12 jovens turcos. Foi co-fundador da **Revista Defesa Nacional**, cujo programa, segundo o seu depoimento, foi obra de Estevão Leitão de Carvalho e de Bertholdo Klinger, patronos de cadeiras da FAHIMTB. Revista que visava impulsionar a renovação da Doutrina Militar Terrestre Brasileira e propugnar por uma profunda modificação da Ordem de Batalha ou articulação das forças terrestres no território. E, daí por diante, foi intensa a atividade literária de Paula Cidade. Ela, de fato, pendurou por 69 anos desde que fundou o Grupo Recreativo Literário dos Comerciantes de Porto Alegre, no ano da Guerra de Canudos,

Fundaram a **Defesa Nacional** os “**jovens turcos**”: Estevão Leitão de Carvalho, Mário Clementino de Carvalho, também patrono de cadeira da FAHIMTB, Joaquim de Souza Reis, Bertholdo Klinger, também patrono da AHIMTB SP em Sorocaba-SP federada a FAHIMTB, Francisco de Paula Cidade, patrono de Cadeira da FAHIMTB e de Delegacia da FAHIMTB, Brasília Taborda, patrono de Delegacia da FAHIMTB em Itapetininga São Paulo, Epaminondas Lima e Silva, César Augusto Parga Rodrigues, Euclides Figueiredo (pai do ex- Presidente João Figueiredo e dos generais Euclides e Diogo), cujo centenário de nascimento transcorreu em 1983, José Pompeo Cavalcanti Albuquerque, Jorge Pinheiro e Amaro de Azambuja Villa Nova.

Do programa de trabalho e objetivo destaca:

“ Colaborar para o soerguimento de nossas instituições militares, trabalhar para o progresso dos meios de defesa do povo brasileiro, aparelhando o Exército, para sua função conservadora e estabilizante dos elementos sociais em marcha etc.”

A certa altura esclarecem:

“Nós estamos profundamente convencidos que só se corrige o que se critica; de que criticar é um dever; e de que o progresso é obra de dissidentes .Não queremos ser absolutamente no seio de nossa classe, uma horda de insurretos, dispostos a endireitar o mundo a ferro e fogo- mas um bando de Cavalheiros da Idéia, que saiu a campo, armado, não de uma clava, mas de um argumento, não para cruzar ferros, mas para racionar; não para confundir, mas para convencer. Nesta revista exerceremos o direito da crítica – às idéias,e não aos indivíduos.”

Em 2013, ano do Centenário da Revista **A Defesa Nacional** abordamos em **O Guararapes** nº 13 a fundação da Revista, da qual fomos Presidente de sua Comissão de História e Conselheiro Editorial quando seu Diretor e da BIBLIEx, O Coronel Aldilio Sarmiento Xavier. Nela sugeríamos pela relevância da evolução Pensamento Militar Brasileiro nela contido que ela fosse escaneada e indexada e assim colocada na Internet à disposição da Inteligência Nacional e em especial aos alunos de nossas Escolas Militares para elaboração de suas monografias curriculares. E aguardamos que a BIBLIEx consiga cumprir esta missão recebida do Comando do Exército

O GEÓGRAFO MILITAR BRASILEIRO

Paula Cidade foi e continua sendo o maior geógrafo militar terrestre brasileiro. Ao entregar seu **Thesaurus de Cultura Militar** ao IGHMB, em sessão em 1983, o Coronel Francisco Ruas Santos declarou que seu Thesaurus era inexpressivo em Geografia Militar, setor que se mantivera sem novidade e estagnado desde a obra de Paula Cidade – **Notas de Geografia Militar Sul-Americana**, editada pela Escola Militar em 1932, no comando do Coronel José Pessoa e pela Biblioteca Militar em 1942. Obra de grande repercussão militar sul-americana, traduzida pelo Exército do Chile e dali difundida, estudada e muito apreciada, até hoje nas escolas de Altos Estudos de outros países sul-americanos onde o autor goza e justa e merecida nomeada , segundo o Coronel Ruas Santos, meu presidente de 1970/1974 na Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército (CHEB).que recebeu todo o acervo da então extinta Seção de História e Geografia do EME depois de cerca de 70 anos de assinalados serviços ao Exército.A Comissão de História do Exército do EME foi extinta em 1974 e transferido o seu acervo para o então criado Centro de Documentação do Exército, onde seu acervo foi reclassificado por bibliotecárias civis e eliminada sua classificação à luz da Teoria de História das Forças Terrestres do Brasil do EME

Acreditamos que o gosto pela Geografia Militar levou Paula Cidade a produzir, com apoio em obras alemãs de tática seu primeiro livro sob o título **Noções e problemas de leituras de cartas**, sistematizando e ampliando ensinamentos desconhecidos então pela intensa maioria dos oficiais, os quais foi obrigado a absorver, como autodidata, ao ser encarregado, ainda como Aspirante na Praça do Portão, em Porto Alegre, de ministrar instrução de Jogos de Guerra, denominação imprópria para, em realidade, Exercícios na Carta.

De 1924 – 30, como Capitão serviu no histórico e tradicional então 1º Regimento de Infantaria Regimento Sampaio.. Comandou a 1º Cia do 3º batalhão que estava à disposição da EsAO. Teve como subalternos os tenentes Paulo Lobo, morto na Revolução de 30, e Juracy

Magalhães. Sobre o último acabo de receber Paulo Cesar dos Santos seu valioso livro **Juracy Magalhães Um depoimento Histórico**. Petrópolis: Editora Perilampo incorporado ao Acervo da FAHIMTB. em **Memórias de Chefes do Exército** Nessas funções Cidade realizou infortáveis reconhecimentos no terreno à luz de cartas topográficas, para o Diretor da Missão Militar Francesa da EsAO.

Como instrutor de História Militar, recebeu o encargo do Comandante Coronel José Pessoa, de introduzir a Geografia Militar na Escola Militar do Realengo. Disse-lhe então,

“ Aquele chefe que considerou o maior comandante que teve a Escola Militar em toda a sua vida e um dos mais destacados militares do seu tempo, Capitão Cidade! Não recuse ser instrutor de Geografia Militar, pois ao meu ver você é a única pessoa capaz conforme provas que já deu em outras escolas.”

Com as muitas notas de aula no curso da ECEME e um pouco mais escreveu Cidade em suas **Memórias**:

“Surgiu um livro que teve grande repercussão no estrangeiro – Notas de Geografia Militar Sul-Americana, que a Escola Militar mandou imprimir. Este trabalho foi mais tarde editado pela Biblioteca Militar em 1942”.

De seus movimentados contatos com a Geografia Militar em sua subunidade que apoiava a EsAO, foi chamado para o Estado-Maior do Exército onde lhe foi confiada a chefia da Seção de História e Geografia Militar e a chefia da **Revista Militar Brasileira**. Assuntos de sua preferência e nos quais firmara sua reputação no centenário da **Batalha do Passo do Rosário**.

O derradeiro trabalho publicado de Cidade , **Dois ensaios de História**, é uma combinação de Sociologia, Geografia e História Militar. O segundo é mais precisamente um trabalho de Geo História no sentido explicar a história do Rio Grande do Sul pela sua Geografia e já publicado pelo Congresso de História e Geografia do RS em 1937, em seus **Anais**. Fez este ensaio com originalidade e espírito nativista. Seus estudos de Geografia Militar Sul-americana merecem continuidade em nossas Escolas Militares, como essência do espírito da Geografia Militar, assunto que forneça aos alunos militares uma visão dos aspectos topo táticos e topo estratégicos essenciais ao estudo do Terreno pelos Estados Maiores , em qualquer escalão tático e estratégico considerado.

E, mais, estudo que deve atingir estágio visando não só a aspectos geográficos militares físicos, mas os econômicos, políticos e sociais que possam enquadrar-se em Geografia Militar de interesse do planejamento e condução de Operações Militares. O Coronel I Ruas Santos procurou provar que, se os americanos tivessem levado em conta aspectos geográficos militares sociais sobre o Vietnã, teriam, conduzido aquela guerra de outra forma, ou mesmo a evitado. Isto com apoio em levantamento das guerras que tiveram lugar naquela península em milênios, à luz da **Enciclopédia Britânica**.

O HISTORIADOR MILITAR PAULA CIDADE

Paula Cidade foi, no cerne, um historiador militar crítico.. Seus estudos tomaram corpo e passaram a ser publicados em função do Centenário da Batalha do Passo do Rosário em 1927, quando servia no Estado-Maior, Seção de História e Geografia Militar, junto com o General Tasso Fragoso, chefe daquele órgão que então escreveu um clássico sobre aquela batalha.

Sobre o tema, Cidade editou: **O Soldado de 1827, “Uma Brigada de Cavalaria na Cobertura, Histórico da Campanha de 1825-28** etc., além de preparar e anotar a caderneta de Seveloh. Seus estudos prosseguiram num crescendo, focalizando as guerras contra Oribe e Rosas 1850-51, a contra Aguirre 1864 e a com o Paraguai 1865-70. Desse confronto de estudos publicou o clássico **Lutas no Sul com espanhóis e descendentes**, 1948, complementado em 1960 pelo ensaio dirigido aos candidatos à ECEME. **O que é indispensável saber sobre nossas intervenções no Prata**. Prosseguindo seus estudos sobre literatura militar brasileira, editou em 1959 o clássico **Síntese de três séculos de literatura militar brasileira**, ponto e passagem obrigatório para quem deseje estudar a História Militar Terrestre Brasileira. Creio seja a sua maior obra.

O último trabalho publicado encerrou um ensaio complementar o esboço biográfico do Marechal José de Abreu – Barão de Serro Largo, realizado pelo Barão do Rio Branco e, na época, passaporte do grande diplomata e historiador para seu ingresso, muito jovem, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de que foi presidente. Personagem que classifiquei como **Um diplomata com alma de soldado**. e consagrado como patrono de Cadeira da FAHIMTB cuja obra sua e de estudiosos de sua vida e obra a FAHIMTB conserva com carinho a serviço da instrução dos cadetes na cadeira de Relações Internacionais, que ao penetrarem na AMAN pelo antigo conjunto principal deparam com seu busto, depois do D. João VI, o criador em 1810 da Real Academia Militar destinada a formar Oficiais para o Reino de Portugal com sede no Brasil, tendo antes como Príncipe Regente aprovado a criação em 1792 Fortopelo Vice Rei Conde de Resende a Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho, a pioneira no ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino acadêmico civil no Brasil e destinada a formar no Brasil Colônia seus oficias de Infantaria, Cavalaria .Artilharia e engenheiros civis e militares. D.João VI patrono de Delegacia da FAHIMTB em Lisboa que tem por Delegado o acadêmico português , titular da Cadeira Conde de Resende Rui dos Santos Vargas

O SOCIÓLOGO MILITAR

Paula Cidade foi, de fato, o maior sociólogo militar das forças terrestres brasileiras. Neste particular, realizou obra literária sem igual até o presente. Seus estudos a respeito tiveram início em 1909, como Aspirante a Oficial, quando serviu três meses em Cruz Alta. Lá começou então a observar e registrar os costumes militares brasileiros. Através dos tempos, foi uma característica relevante de sua obra. Dentro desse espírito ele produziu o seu primeiro livro em 1922 sob o título **O soldado de 1827**.

Em 1939, no cinquentenário da República, ele produziu o trabalho **O Soldado de 1889** para a obra **A República Brasileira**. Junto com Bertoldo Klinger estudou os **“Brummer” – A Legião Prussiana** (1º Reg Art, 1º RI e 2 Cias de Pontoneiros) contratados pelo Brasil para lutarem contra Rosas em 1851-52. Assunto que tratei em meu livro **Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RS**. Porto, IEL, 1975. E neste ano tratado com maior profundidade pelo acadêmico Cel Juvêncio Saldanha Lemos A obra de Cidade – **Síntese de**

quatro séculos de literatura militar, está recheada de valiosas informações sociológicas militares brasileiras, bem como sua outra obra – **Cadetes e alunos militares através dos tempos** em 1961, que preserva importantes informações relacionadas com os costumes e tradições militares em nossas escolas militares.

Em suas **Memórias** inéditas que tivemos a honra e o privilégio de estudar, para elaborarmos este ensaio, Paula Cidade nelas registrou dados relevantes sobre costumes nos locais onde serviu de 1902 – 1948. Tiramos cópias do original em poder de sua filha mais nova residente em Teresopolis e a deixamos no Arquivo Histórico do Exército quando o dirigimos 1985-1980.

O HOMEM

Paula Cidade em corpo e alma foi produto do meio físico e mental do Rio Grande do Sul, onde nasceu, se criou e se tornou adulto. Meio físico e mental que ele estudou e definiu de modo ímpar em sua obra – **Dois Ensaios de História**. Ele mesmo se questionou no início de suas **Memórias**:

“Quantas vezes não tenho agido errado ou com acerto, transportando-me inconscientemente para a terra onde nasci e me criei, colocando-me sob a influência de meus ancestrais que surgiram inesperadamente em minhas atitudes, embora recondicionados. Vez por outra, sem o querer, retorno ao meio rio-grandense de minha infância e juventude.”

Cidade era um homem forte. Sua vida sempre foi morigerada, comia muito pouco, não fumava, não bebia e gastava o mínimo necessário. Sua única diversão era a pesquisa histórica, assunto em que concentrava suas atenções nas folgas de profissional militar dedicado. A parte logística e familiar ficava por conta de sua esposa, D. Estelita.

Extremamente católico, tinha muito orgulho cristão de haver por duas vezes falado com o Papa. Ao perder a sua primeira esposa em 1946, mudou-se do Grajaú para a Praia do Russel para ficar mais perto das instituições culturais de que necessitava. Foi soldado corajoso de elevado senso de justiça, boa rusticidade, frugal e que sabia alternar com equilíbrio as virtudes de Firmeza e Doçura, características do gaúcho histórico e que encontraram em Osório um expoente.

ÚLTIMOS TEMPOS DE CARREIRA

Em 23 de julho de 1944 partiu para a Itália integrado a FEB como membro do Conselho Supremo de Justiça Militar, órgão submetido a pressões e a incompreensões no Brasil e na Itália. Dessa sua missão que durou até 13 de dezembro, ele não guardou boas lembranças. Pois o Conselho não foi bem sucedido, não funcionou a tempo e teve seu trabalho anulado pela Anistia. Suas impressões de grande valor sobre sua missão foram registradas em suas **Memórias**, e em seu **Nápoles e um pouco mais** e em obras inéditas sobre Nápoles e a História da Justiça Militar.

De retorno da Itália passou a presidir a BIBLIEX de 12 Jul 45 até 5 Jul 48, data de sua passagem para reserva da qual desfrutou por quase 20 anos, como General de Divisão, depois de 46 anos de excelentes e modelares serviços prestados ao Exército, na paz e na

guerra. Na Reserva, passou a dedicar-se aos seus estudos e produzir suas Memórias, sob o seguinte argumento:

“Desde que, pela minha passagem para a Reserva, fui sepultado no esquecimento, tomei resolução de escrever minhas Memórias, com o fito de à História de um depoimento que, talvez tenha interesse para os que, mais tarde, queiram saber certas particularidades de curva imaginária que o Brasil vem descrevendo, na sua interminável marcha para o infinito do calendário. De onde viemos? Para onde vamos?”

Sobre estímulos de sua segunda esposa D. Nera, Cidade passou o resto de seus dias dedicado à Literatura. Ora escrevendo, ora fazendo conferências, ora participando de eventos do Pen Clube. Enfim dando uma finalidade social relevante aos seus dias e compatível com seu passado de soldado.

Faleceu em 5 de março de 1968 no Hospital Central do Exército (HCE), foi sepultado no sarcófago perpétuo 394, Ala 4 do Cemitério São João Batista.

O Instituto de Geografia e História Militar do Brasil o homenageou na ocasião, através de sua **Revista** Vol XLII – 1º sem, 1968, pág. 168.

ALGUNS PENSAMENTOS DE PAULA CIDADE

1. Sobre o progresso na primeira metade do século:

“Tudo passa rápido, do que na realidade nos parece. A transmissão de um pensamento, dos que vivem em regiões afastadas entre si e que outrora exigia meses e anos, passa a fazer-se em poucos minutos pelo telefone e por outros meios básicos. O avião abole as distâncias, como o rádio passa a propagar o pensamento, bom ou mau, através do espaço e as ideias rápido se expandem. Contudo, isto, montanhas, rios e florestas já não são obstáculos a homogeneização dos costumes e cada vez mais reduzidas as probabilidades de civilizações localistas e fechadas sobre si mesmas. A máquina e as facilidades de comunicações se tornaram denominador comum de todas elas. Os homens que viveram o último meio século (1900 – 1950) testemunharam o ocaso de uma civilização e o amanhecer de outra. Eu fui um desses homens.”

2. Sobre o Pensamento Militar português (sua interpretação):

“Julgada a causa justa, pedir proteção divina e atuar ofensivamente, mesmo em inferioridade de meios.”

3. Marcos da evolução militar terrestre (sua interpretação):

“Há na revolução das instituições militares brasileiras, quanto ao Exército, cinco pontos culminantes:

- a) A vinda da Família Real de Portugal para o Brasil, o que deu às forças locais de terra importância que anteriormente lhes eram negadas.
- b) A Guerra do Paraguai, que culminou com uma experiência técnico-administrativa que durou mais do que devia.
- c) A criação da Escola de Guerra de Porto Alegre, que modificou profundamente o preparo funcional dos oficiais do Exército, completada pela decretação do Serviço Militar Obrigatório em 1916.
- d) A contratação da Missão Militar Francesa que, em 20 anos de trabalho, recondicionou o pensamento militar brasileiro, atualizando-o.
- e) A intervenção do Brasil na 2ª Guerra Mundial, que proporcionou a certo número de oficiais o reconhecimento real de campo de batalha moderno, permitindo-lhes encarar as consequências da intervenção atômica, nas guerras do futuro...”.

4- Suas Impressões de um combate na Revolução de 30 (sua visão do campo de batalha na Remonta, na Revolução de 30):

“Um campo de batalha, à noite, quando os adversários se enfrentam a curta distância, apresenta um quadro que nenhuma pena pode descrever, porque ainda não se inventou um meio de reproduzir literalmente a eclosão simultânea de numerosos aspectos terrificantes. A escuridão da noite acarreta a possibilidade de surpresas reais e imaginárias, os cadáveres encontrados pelo caminho, os feridos transportados para a retaguarda ou que se arrastam sozinhos, os estampidos das armas de armas de toda espécie, os gritos dos combates, os clarões sinistros dos incêndios que se divisam ao longo, a fadiga do corpo e da alma, as incertezas relativas ao que o acaso nos reservam, tudo enfim conspira contra os que se habituaram a esse namoro com a morte. A maioria dos homens suporta tudo isso com resignação, principalmente quando há prévia separação mental. Poucos são os que fogem a esta regra.”

5- Palavras de em cerramento de suas **Memórias** referente às injustiças de que foi alvo ou vítima:

“Agora a confissão de um pecador não arrependido: meu grande erro na vida foi o de crer que aquilo que eu não fazia contra o direito alheio, outros não fariam com os meus. Erro ou doença adquirida em tenra idade, na minha grande escola que foi o meu lar onde se dizia, insistindo nesse erro, que o mundo é justo e dá a cada um aquilo que de direito lhe toca.”

Esta é a síntese da vida e obra de Paula Cidade, meu admirado co-estaduano ,patrono de cadeira no Instituto de Geografia de Geografia e História Militar do Brasil no transcurso do seus 117 anos de nascimento cuja obra brilhante de soldado e historiador militar constitui uma Estrela de raro brilho que continua a iluminar o Exército Brasileiro que ele tanto amou e serviu como profissional e historiador, com obra de grande validade a ser consultada

por profissionais do Exército interessados de hoje e de sempre . Constatar minha afirmação é obra de simples raciocínio e verificação!

A OBRA LITERÁRIA DE PAULA CIDADE

A obra literária produzida por Cidade e a seguir relacionada é alentada. Consta de livros publicados na BIBLIEx e de enorme lista de artigos publicados nas revistas **Militar Brasileira** (atual “do Exército” que ele dirigiu), **Defesa Nacional**, dos **Militares**, **Nação Armada** e nos jornais **Correio da Manhã**, **Jornal do Comércio**, do Rio, **Estado de São Paulo**. Usou o pseudônimo de M. T. Camilo Eugênio.

Como trabalhos inéditos, deixou:

“**Memórias**”, “**História da Justiça Militar**” de fundo histórico, “**Visões da Itália**” e “**A luz do lampião de querosene**”, conjunto de “causos” e lendas de natureza folclórica gaúcha no entendimento geral ou de natureza tradicionalista ou nativista, no entendimento gauchesco.

Integrou como ocupante da cadeira n° 3 que tem como patrono o Barão do Rio Branco, o Instituto de Geografia e História do Brasil, do qual foi um dos fundadores. Hoje é patrono da nova cadeira n° 88, que tivemos a honra de ocupar até a nossa elevação à condição de acadêmico benemérito. Foi membro correspondente dos institutos históricos e geográficos do Rio Grande do Sul, São Paulo e cidade de Santa Maria. Igualmente das academias Fluminenses, Paraense e Sul-Riograndense de Letras, da Associação Amigos de Simancas, Pen Club, Estudos Históricos da Bolívia e Comissão de Estudos de Textos da História do Itamarati. Integrou comissões organizadoras do IBGE, da BIBLIEX e Arquivo do Exército. Recebeu as medalhas e condecorações: Mérito Militar (grande oficial); 40 anos de bons serviços; da campanha da FEB; de Guerra; Jurídica Militar (Alto Mérito) e de Comandante da Legião do Mérito dos EUA. Foi comendador da Ordem do Andes (Bolívia). Recebeu ainda as medalhas comemorativas: Santos Dumont; Cinquentenário da República; Sesquicentenário da AMAN; Solidariedade da Itália e Centenário do Rio Grande. Paula Cidade falava francês e italiano e traduzia alemão. Estas foram importantes ferramentas para transferência de “know-know” militar na fase da Reforma Militar.

Publicou alguns trabalhos na Itália que foram vertidos para o italiano por sua ilustríssima esposa D. Nera Ponsiglione Cidade, que fora professora de literatura brasileira na Itália, além de estudiosa de Machado de Assis, cuja obra despertou a atenção de Paula Cidade nos seus últimos anos de vida.

Paula Cidade, um escritor e soldado a serviço do progresso do Exército, na Reforma Militar deixou alentada obra bibliográfica e em artigos em periódicos militares e civis a seguir relacionada. É talvez o ponto alto da presente contribuição neste resgate e o tributo mais significativo à preservação e culto de sua memória, até agora ímpar em seu tempo como escritor e modelar como profissional militar, a homenagem da **Defesa Nacional** a um de seus fundadores, secretário, quando essa revista comemora 70 anos de existência.

Bibliografia e Artigos do General Francisco Paula Cidade (1883 – 1968)

1910 – **A verdadeira e a falsa nação armada**. Porto Alegre, Liv. Americana, cerca de 1910 (Tiro de Guerra 4 de Porto Alegre), 42 pp.

1913 – **Manual do sinalheiro**. Porto Alegre, Liv. Americana – Cunha, 1913.

1921 – Noções e problemas de leituras de cartas. Rio, 1921. (Separata da Revista dos militares de Porto Alegre.)

1924 – **O soldado de 1827**. Rio, Imprensa Nacional, 1927. (Separata da Revista Militar Brasileira – RMB.)

1928 – *O Exército brasileiro na Colônia, in Pródomos da Independência*. Rio, Imprensa Nacional, 1928, 58 paginas.

1930 – A nossa gente: Paissandú e Leandro Gomes. Rio, Imprensa Nacional, 1930 (sobre a guerra contra Aguirre, 1864).

1930 – **O domínio da Bacia Hidrográfica do Prata**. Rio, Imprensa Militar, 1930.

1930 – **Prefácio e notas in Reminiscências de campanha de 1827**. (Separata da RMB nº 1, 1930.)

1931 – **Uma Brigada de Cavalaria Ligeira no Serviço de Cobertura**. Rio, Imprensa Militar, 1931 (Separata da RMB). Sobre a missão do Gen Bento Manuel, em Passo do Rosário.

1934 – **Notas de geografia militar sul-americana**. Rio, Escola Militar do Realengo, 1934. 1 ed e Bibliex 1942, 2ed.

1939 – O soldado de 1889 *in A República Brasileira*. Rio, BIBLIEx, 1939.

1939 – Floriano no vale Uruguai, *1865, In Floriano*. Rio, Bibliex, 1939.

1941 – *O Barão do Rio Branco*. Rio, DIP, 1941 (Seu discurso de posse no IGHMB e de sua recepção no mesmo pelo Tem Cel Jonas Correia).

1941 – *Las bases naturales de La buena vicinidat in Fuerzas Armadas de América*. t.1. Buenos Aires,.

1946 – **Nápoles e um pouco mais**. Rio, Bibliex, 1946.

1948 – **Lutas no Sul com espanhóis e descendentes**. Rio, BIBLIEx, 1948.

1955 – Duque de Caxias **In Vidas de Estadistas Americanos**. Porto Alegre, Liv.a Globo 1955,p..219-413.

1959 – **Síntese de três Séculos de Literatura Militar Brasileira**. Rio, BIBLIEx, 1959.

1960 – **O que é indispensável saber sobre as nossas intervenções no Rio da Prata**. Rio, Imprensa do Exército, 1960 (Separata da RMB).

1961 – **Cadetes e alunos militares através dos tempos**. Rio, Bibliex, 1961 (*Sesquicentenário da AMAN*)..

1966 – O Rio Grande Do Sul – Explicação da História pela Geografia **In Dois ensaios de História**. Rio, Bibliex, 1966.

1966 – Mal José Abreu – Barão de Serro Largo **In Dois ensaios de História**. Rio, BIBLIEx, 1966.

Hemerografia parcial de Paula Cidade

1 – Publicados na **Defesa Nacional** (e relacionados no índice do Cel Francisco Ruas Santos, na Administração da Revista). Subsídios Táticos. Os fanáticos. Recrutamento de oficiais. Exércitos estaduais. Em torno do Contestado. Em torno de um Relatório. Colégios Militares. Dois Assuntos. Reflexões. A Velha Infantaria. Notas e curiosidades. Um novo Regulamento. Organização Regional. A doutrina e os processos de exercícios. O desenvolvimento em setor determinado. A localização dos Corpos de Tropa do RGS. Armamento de Infantaria. Tradições internacionais no Rio da Prata. História Militar do Brasil do Cap Gengerico Vasconcelos. Os cadetes. Operações estratégicas defensivas (Van der Goltz). Em defesa de nossa língua. Oficiais de Estado-Maior. Escola Militar. O problema da segurança. O desaperto. O fator moral na campanha de 1825. O centenário de Passo do Rosário. As DI. Observações sobre a organização da Infantaria. O Marquês de Barbacena e as promoções ao seu tempo. A Defesa Nacional e sua História (revista). Osório, sua vida e gestos. A prata da casa. Questões administrativas. Vinte e sete anos mais tarde. Chefes da Cavalaria – galeria. Boletim de Informações da BIBLIEx. O túmulo de Virgílio. Trinta e cinco anos mais tarde. Confissões de um veterano.

2 – Publicados na **Revista Militar Brasileira** e relacionados em índice do Cel Francisco Ruas Santos, na administração da Revista, ora Revista do Exército: (1930) O Soldado de 1827. Municciamento e remunicciamento. Pequenas frações de Infantaria. O domínio da Bacia do Prata. Concurso a ECEME – orientação. O Exército Russo

dos Soviéticos (trad.) e uma Brigada da Ligeira na Cobertura (1931). Como estudar um ponto de História. Ataques aéreos em massa (trad.). (1941) – Cavalo ou Motor? Em torno da Geografia Militar. O Conde D'Eu, na Chefia da Comissão de melhoramentos do EB e no Comando Geral da Artilharia. (1945) - A intelectualidade entre os mercenários alemães de Pedro I. (1946) – Cidades que agonizam (impressões da Itália). Gomes Carneiro, um chefe que soube morrer cumprindo ordem. Marte afia a espada (geografia operativa na guerra moderna). (1947) – O pão como arma de guerra. (1948) – Mal Antonio Ilha Moreira. (1949) – A verdade Histórica. (1950-54) – Verbetes para um Dicionário Bibliográfico Militar Brasileiro. (1966) – O que é preciso saber sobre a diplomacia imperial no Prata (Separata).

3 – Publicados em **Nação Armada** (1539-47) : (1941 – Jul) – Atuação de Rio Branco no plano militar e diplomático. (1941 – Out) – Costumes de Soldados. (1942 – Jun, Set, e Nov) e (1943 – Jun e Ago) – Exército do Passado – Rio Pardo e uma velha Escola Preparatória. (1943 – Mar, Abr e Dez) – O Exército do passado (costumes e fatos antes de 1908). (1944 – Dez) – Lili Marlene. (1945 – Abr) – Os nossos soldados na Itália. (1945 – Jul) – A Justiça Militar na FEB (do diário de um expedicionário).

4 – Publicados na **Revista do Instituto de Geografia e História Militar no Brasil**: (1955 – 1º Sem) – Mal Hermes da Fonseca. (1961 – 2º Sem) – Arquivo Militar e Arquivo do Exército – um equívoco. (1962 – 2º Sem) – Tasso Fragoso, um pouco de História do Exército. (1963 – 1º Sem) – Quando nasceu o general Osório? (1963 – 2º Sem) – Pombal e os jesuítas e o Brasil – Bibliografia – apreciação . (1964 – 1º Sem) – O terço e as ladainhas. (1966 – 2º Sem) – Pé de página II.

5 – Publicados na **Revista do Clube Militar**: Municipalismo (Jan/Fev 55); Unidade Nacional em perigo (Set/Out 55) e Brasil – Bolívia (Nov/Dez 55).

6 – Publicados na Revista da Escola Militar: Um começo de vida (1934) e Mal Hermes da Fonseca (1963).

7 – Publicados no **Boletim Mensal do EME**: Tiros de combate no 10º RI (1918).

8 – Publicados na **Revista dos Militares** – Porto Alegre: Noções de Geografia, História Pátria e Militar (1913); Guia de instrução do sinalheiro (1917); Noções e problemas de leitura de cartas (1921) e Organização do Exército e do Serviço Militar (Existem exemplares desta revista no Instituto Histórico e Geográfico 9 - Publicados na *Revista Brasileira de Geografia*: Aspectos geo-humanos de Mato Grosso – Corumbá (Abr/Jun 43).

10 – Publicado na **Revista de Cultura Política**: O problema da Defesa Nacional (Jun 42, pp. 218-233).

11 – Publicado na **Revista do Ginásio Imaculada Conceição**: Corumbá – 1945: Discurso de paraninfo.

12 – Publicado no **ASCHN** N° 2: O Exército do Brasil na Independência à Maioridade (pp. 328-367).

13 – Publicado no **CIHA** – 7: O Exército Brasileiro na Colônia (p. 687-735).

14 – Publicados no **Jornal do Comércio** – Rio: **Um escritor (Trischauer) sobre o Brasil** (14 Jul 42); **Marte afia a espada** (14 Set 46); **Argentina Geo-Política Sul-Americana** (23 Set 46); **A Justiça Militar Brasileira – notas da Itália – observações** (25 Jun e 01 Jul 47); **Da Itália – livros e outros brasileiros** (Out 49); **A verdadeira história e o lirismo histórico** (28 Mai 50); **O Brasil visto por observadores do rei de Nápoles** (22 Out 50); **A FEB por seu comandante – verbete** (Nov 51); **O programa atual da imigração italiana** (18 Jul 54); **Um eleitor dirigiu-se ao partido** (15 Set 54); **Reminiscência da Revolução de 30 em Minas** (12 Dez 54); **O Rio e a mudança da capital** (25 Abr 56); **O custo de vida e os vencimentos militares** (15 Dez 56); **Documentos sobre o Brasil em Nápoles** (Jan 57); **Reminiscências de uma expedição à Bahia** (24 Mar 57) e **Dois vezes com Sua Santidade – o Papa** (11 Ago 57).

15 – Publicados no **Jornal do Brasil** – Rio: **A guerra e a renovação de costumes** (07 Abr 42); **Titara e Borman** (09 Fev 52); **Arquivo Militar e Arquivo do Exército** (20 Abr 58); **Deodoro espada contra o Império** (11 Mai 58), **Alguns aspectos do general Osório** (25 mai 58), **A Revolução de 1922 na Escola Militar no Realengo** (30 Jun 58), **A velha cidade de Porto Alegre** (17 Ago 58); **Velhos costumes de nossa gente** (21 Set 58); **História da história do Barão de Serro Largo** (30 Nov, 07 e 21 Dez 58).

16 – Publicados no **Correio do Povo** de Porto Alegre: **As 10 obras fundamentais da biografia rio-grandense** (22 Out 55); **Santo Ângelo e Sepé e sua estatura** (1955); **Comitê internacional de Ciência Histórica** (07 Set 56); **Os dois ciprestes** (08 Set 56); **Autógrafos raríssimos** (15 Set 56); **Porto Alegre – Até a visita** (27 Out 56); **Carlos Maul** (10 Nov 56), **Costumes de Soldados** (08 e 15 Dez 56); **Centenário da morte de Augusto Conte** (16 e 17 Mar 57); **Dois vezes com Sua Santidade o Papa** (29 Jun 57); **Porto Alegre, trágica sentimental** (03 Ago 57); **Acquerelli Napoletani** (27 Nov 57); **A minha primeira noite num quartel** (11 Jan

58); **A velha Porto Alegre** (30 Ago 58); **Velhos costumes de nossa gente** (18 Out 58); **Arquivo Militar e do Exército** (18 Abr 59); **Meio século mais tarde da declaração de aspirantes de 1909** (13, 10 e 17 Jun 59); **Bahia, berço do Brasil** (05 Dez 59); **Em torno da História do Brasil** (30 Abr 60). E com o pseudônimo de M.T. Camilo Eugênio. **Os contos. Um voluntário** (23 Jul 60) e **O Crescência** (30 Jul 60).

17 – Publicados no **Jornal de Rio Pardo** – RS: A partida da Escola Tática e Preparatória (07 Fev 55).

18 – Publicados na **Gazeta de Corumbá** – MT: Corumbá – Brasil – Bolívia (31 Mar 37) e Corumbá, um apelo (02 Fev 55).

19 – Outras colaborações:

- O canto da guerra do 30° BI (1910) e Cabocla Bonita (letras) In: LIRA 1° Exposição de Folclore no Brasil. Rio, 1953.

- Orador oficial turmas que concluíram a ECEME em 1940, **In Escola de Estado-Maior**, 1940.

- Estudos e notas, In; **Os Brummer**, Rio Grande, 1951. (Publicado pelo Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos.)

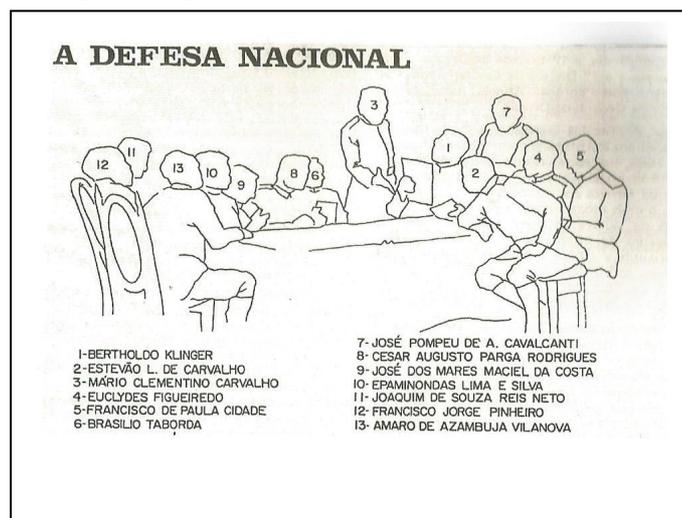
- Prefácio e notas in SEIDLER, **Dez anos de Brasil**. São Paulo, s/d.

- Colaborações, In: **Manual para o comando de Tropas**. Porto Alegre, 1917 (com Klinger e Eneas).

O arquivo do General Francisco Paula Cidade encontrava-se em 1983 -e sob a guarda de seu filho Cel R/1 Waldir Vieira de Paula Cidade, em Terezópolis no Rio de Janeiro. Sua Biblioteca em grande parte foi doada a AMAN.

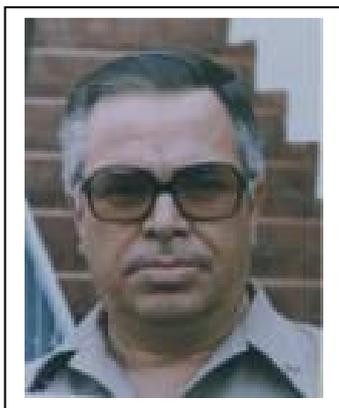


Alegoria da fundação da Revista A Defesa Nacional, feita pelo pintor Álvaro Martins. com apoio em nossa pesquisa e orientação, como historiador Presidente da Comissão de História da A Defesa Nacional e seu Conselheiro Editoria, quando Diretor da BIBLIEx o dedicado Cel Aldílio Sarmento Xavier, e Diretor do Arquivo Histórico do Exército. Ver quadro onde os famosos Jovens Turcos, reformadores do Exército estão representados na pintura que hoje decora em Brasília o Gabinete do Comandante do Exército, Evento que evocamos com detalhes em 2013 no O Guararapes nº 13, comemorativo do Centenário em 20 set 1913, 78º aniversário da Revolução Farroupilha. Noutra foto a Galeria com foto dos 13 Jovens Turcos, na sede da A Defesa Nacional, no QG do CML no Rio





General de Divisão Paula Cidade homenageado em 1972 pela História do Exército Perfil Militar de um Povo, contribuição do Exército ao Sesquicentenário da Independência.v.3 p,1062 com esta legenda: *“General Paula Cidade , pesquisador e historiador militar. Emérito em seus estudos dos costumes das gerações de soldados do Brasil, evidenciou a permanência dos valores espirituais e morais roteiros do Exército na Paz e na Guerra.”* Ele e mais os seus amigos naturais do Rio Grande do Sul Generais Valentim Benicio, Emilio Fernandes Souza Docca e o Coronel Jonathas da Costa Rego Monteiro revolucionaram a cultura no Exército, com a criação da Biblioteca do Exército Editora e do Arquivo do Exército, Gráfica do Exército... Na Reserva declarou “achar-se sepultado no esquecimento” o que neste resgate de sua vida e obra notável procuramos revivê-la como ato de Justiça, na voz da Literatura Militar Brasileira que ele resgatou como pesquisador excepcional. História é verdade e Justiça! Que o Exército de hoje e de sempre não esqueça sua obra o seu exemplo!



O presente Informativo é artesanal e o projetei,digitei, ilustrei e formatei aos 84 anos. E naturalmente. deve conter erros de digitação e de ortografia, pelos quais,antecipadamente, peço desculpas aos leitores interessados, solicitando que se fixem no conteúdo ou Fundo e não na Forma

(x) Cel Claudio Moreira Bento.Natural de Canguçu- RS. Turma Aspirante Mega AMAN/15 Fev 1955. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate 1981/82 e dirigiu o Arquivo Histórico do Exército de 1985/91, quando presidiu Comissão de autoridades civis em Museus, Pintura e Fortificações que indicaram o Forte de Copacabana, como local ideal para nele ser instalado o Museu do Exército. Acadêmico Grande Benemérito, presidente e fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), sediada no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), onde foi instrutor de História Militar (1978/1980). É membro Benemérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Foi adjunto do Cel Francisco Ruas Santos na Comissão de História do Exército Brasileiro do Estado-Maior do Exército 1971/74. Como oficial do Estado-Maior, do hoje Comando Militar do Nordeste, foi encarregado de coordenar o Projeto, Construção e Inauguração do Parque Nacional dos Montes Guararapes inaugurado em 19 de abril de 1971 pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici, quando então ali lançou seu 1º livro “As Batalhas dos Guararapes - descrição e análise militar”. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971. É das Academias Portuguesa de História, da Real Academia de História de Espanha, da Academia Argentina de História e dos Institutos Históricos do Uruguai e Paraguai. Dirigiu o Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, consistente de 21 obras sobre suas Grandes unidades com sínteses biográficas de todos os seus comandantes sob o subtítulo “Os comandantes da Grande Unidade, suas experiências profissionais, ações e lições de comando”. Acaba de lançar o livro Brasil - Lutas contra Invasões, ameaças e pressões externas. E no momento prepara o livro Brasil - Lutas Internas 1500/1916, com complementos de fontes históricas produzidas por patronos de cadeiras e acadêmicos, sobre as lutas internas que tiveram lugar nos últimos 100 anos. Presidente fundador das Academias de História de Canguçu –RS, de Resende e Itatiaia. É também jornalista. É Comendador do Mérito Militar. E-mail: bento1931@gmail.com Site: www.ahimtb.org.br. Site criado e administrado por seu filho CMG Carlos Stumpf Bento, instrutor de Navegação na Escola Naval e autor do livro didático Navegação Integrada e também autor das capas da maioria de seus livros sobre a História do Exército. Ingressou no Exército há 65 anos como soldado da 3ª Cia de Comunicações, acantonada no Regimento Tuiuti ,em Pelotas, o Regimento do Brigadeiro Sampaio, o Patrono da Infantaria.